

## EDITORIAL

# A vitória Tapeba

**O**s índios Tapeba têm sobradas razões para comemorações. Acabam de conseguir a demarcação da primeira reserva indígena do Ceará. São 4.658 hectares no município de Caucaia. Há 15 anos eles travam luta contra políticos da região, empresários, comerciantes e por fim, também contra invasores que ocupam parte das terras que a União agora reconhece como de usufruto permanente da tribo. Outros remanescentes indígenas, como os Tremembé, em Almofala, os Genipapo-Canindé, em Aquiraz, e os Pitaguari, em Maracanaú, aguardam o mesmo reconhecimento.

A vitória dos Tapeba vem com atraso secular. Tem-se notícia da presença de ancestrais da tribo desde a chegada dos portugueses. Nos 500 anos da colonização portuguesa, quando a própria Igreja Católica se penitencia por ter pactuado com perseguições aos índios e aos negros, é mais do que chegada a hora de a sociedade reconhecer os direitos dos primitivos ocupantes da terra, e por justiça os seus legítimos donos. Não dá mais para postergar. No Ceará, o cardeal Lorscheider foi a grande voz a favor dos excluídos. A causa indígena ele a defendeu com vigor. A Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza é a entidade que tem patrocinado todo o processo pelo reconhecimento dos Tapeba como nação indígena e o direito à terra.

Em junho último, o arcebispo Cláudio Hummes seguiu os passos do Cardeal e se comprometeu a, pessoalmente, batalhar para que o processo de demarcação, engavetado desde 1993, chegasse a bom termo, o que ele fez já em agosto, encaminhando o pedido ao ministro Íris Rezende, da Justiça. No dia 7 de setembro, o "grito dos excluídos" reforçou o apelo e, de forma até surpreendente, o Ministro assinou, no dia 24, a Portaria que dá aos Tapeba terra e esperança de um futuro menos sombrio. O ato foi publicado em Diário Oficial da União com data do dia seguinte. Tudo milagrosamente rápido, para a natureza lerdeza burocrática brasileira.

A reserva estava delimitada desde 1993, mas faltava a demarcação. Agora vem a parte

mais complicada, que é a da indenização das benfeitorias instaladas na área até aquela data. Os que a ocuparam depois assim agiram por deliberada má fé ou induzidos por pessoas sem maiores escrúpulos porque desde aquele ano que a imprensa noticiava a definição do espaço para os mais de dois mil Tapeba que habitam miseravelmente as margens do rio Ceará, espalham-se em comunidades ao longo dos trilhos, das BRs 020 e 222 e embrenham-se pelos mangues na dura luta pela sobrevivência.

Somente em julho, 149 famílias, estimuladas por um político influente de Caucaia, segundo denúncias, teriam invadido a área. São todas igualmente pobres. Resta, ao Governo, dar um destino aos invasores e evitar o pior, que será o confronto de índios pobres contra brancos pobres. Mesmo que a definitiva ocupação dos Tapeba, que pretendem voltar a se reunir (hoje

eles estão dispersos) não esteja marcada e que demande ainda meses, ou até anos, como costuma acontecer em decisões desse porte, é preciso encontrar, de imediato, uma solução para o impasse e cuidar para que novas invasões não ocorram.

A vitória dos índios de Caucaia estimula outras comunidades a que continuem

**Quando a própria Igreja Católica se penitencia por ter pactuado com perseguições aos índios e aos negros, é mais do que chegada a hora de a sociedade reconhecer os direitos dos primitivos ocupantes da terra**

na luta. A Fundação Nacional do Índio também já demarcou a área de 4.900 hectares dos Tremembé em Almofala, mas falta o mais importante, que é a posse. Enquanto isso, índios e posseiros se agridem. Documentos comprovam que desde o século XVII, pelo menos, eles já se encontravam na costa do Ceará ao Maranhão, quando os jesuítas aqui aportaram com a missão de os catequizar. Em Carta Régia, o rei de Portugal, no ano de 1698, assegurava a concessão de sesmarias aos índios da região costeira do Ceará ao Maranhão e determinava que eles não fossem importunados ou retirados dos sítios onde escolhessem viver. Não foi o que aconteceu, mostra a História. Só agora, às vésperas da virada do milênio, o Brasil parece acordar do grande pesadelo que perdura séculos: o massacre de milhões de índios. Os que sobreviveram ainda lutam pela reconquista de um espaço mínimo que os garanta viver. A dívida, mesmo que à conta gotas, começa a ser resgatada.